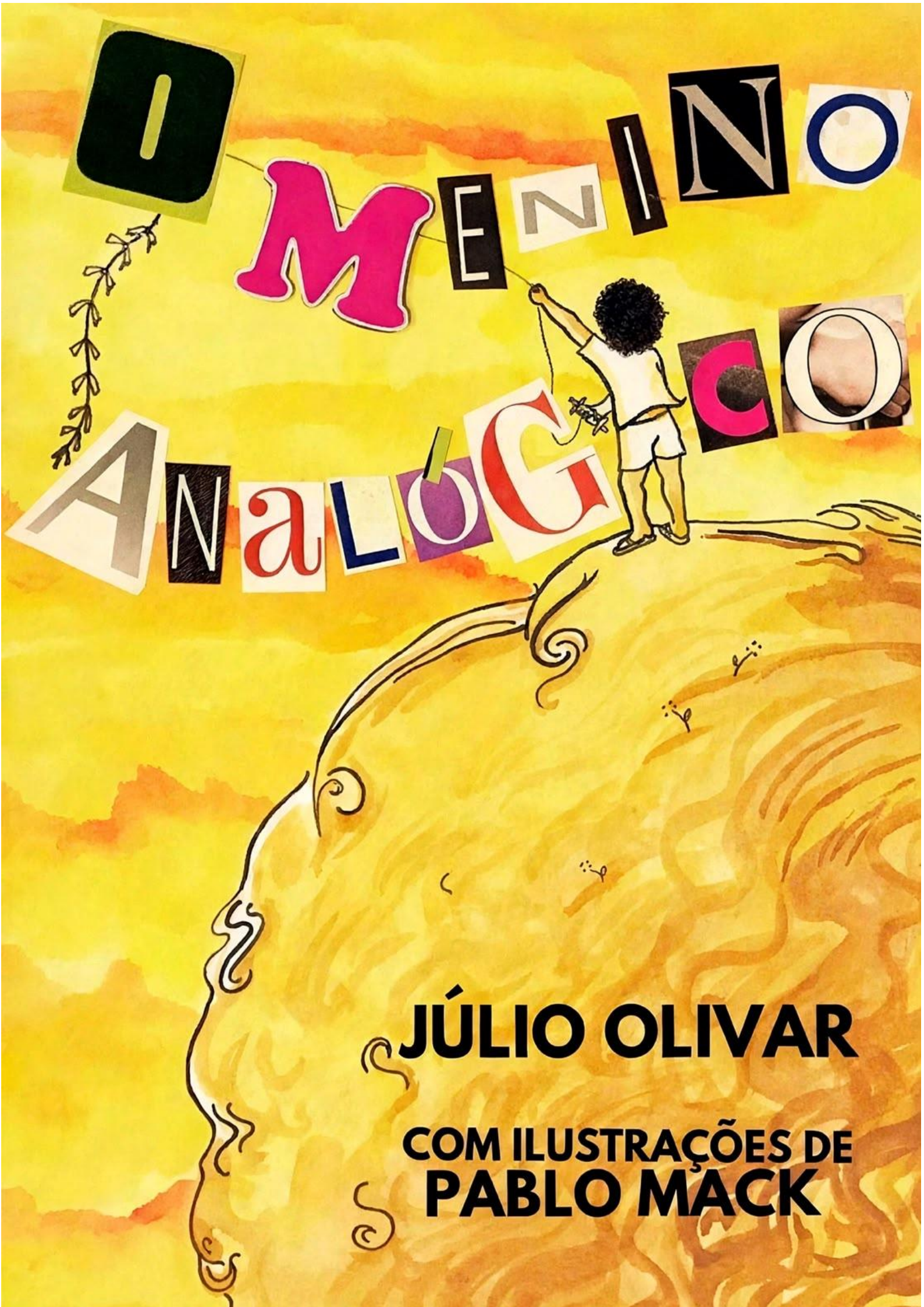
O MENINO ANALÓGICO



JÚLIO OLIVAR

COM ILUSTRAÇÕES DE
PABLO MACK


O MENINO
ANALÓGICO

JÚLIO OLIVAR

Da Academia Rondoniense de Letras



Copyright © 2024 Júlio Olivar Benedito

Revisão:
Thomé Luciano Possi
Capa, contracapa e ilustrações:
Pablo Mack
Fotografias:
Acervo pessoal do autor

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

B463m

Benedito, Júlio Olivar, 1973-

O menino analógico [Recurso Eletrônico] / Júlio Olivar. – Porto Velho, RO, 2024.
42 p.: il.; 21x29,7cm

ISBN Digital nº 978-65-01-08705-4 (Ebook)

1. Literatura infantojuvenil 2. Menino Juca 3. Brincadeiras antigas I. Benedito, Júlio Olivar. II. Analógico III. Título.

CDD 028.5
CDU 82-9

Bibliotecária Responsável: Cledenice Blackman CRB11/907



Juca, o menino analógico

Num tempo em que celulares e internet eram apenas segredos do futuro, vivia um menino chamado Juca.

Com mãos habilidosas, ele criava pipas coloridas usando cola de polvilho, montava carrinhos de rolimã e transformava latas de sardinha em trenzinhos e caminhões que percorriam o mundo de faz-de-conta.

Sua energia era inesgotável, e cada manhã ele despertava com o sol, pronto para aventurar-se pelas ruas de sua pequena cidade como um valente explorador em busca de novos ares e mares.

Juca não temia a chuva; ela era apenas mais uma companheira em suas jornadas, enquanto caminhava sem guarda-chuva, sentindo cada gota contar uma história em sua cabeça cheia de sonhos.

Nas tempestades, ele se via capitão de um navio, enfrentando ondas gigantes e ventos furiosos em barquinhos de papel que soltava nas enxurradas e que iam embora ao encontro do Oceano.

Ele acreditava que Deus havia criado um mundo vasto e repleto de almas. Juca se maravilhava com a diversidade e o movimento de pessoas ao seu redor. Porém, ele também encontrava paz no silêncio, nos recantos escondidos onde podia construir universos inteiros.

Juca via muitos mundos, todos eles vividos longe das telas, em uma época onde a imaginação era a chave para as portas do (im)possível.

Imagine um mundo onde a tela do celular não compete com o brilho do sol e as conversas são feitas com palavras, não com emojis e kkkkk. O que seria da sua vida?

Segredos da Jabuticabeira

Em um cantinho secreto, erguia-se um tesouro: uma jabuticabeira. Suas frutas, pequenas esferas roxas quase negras que pareciam bolinhas de gude, eram doces explosões que ele saboreava com alegria, cada uma estalando entre seus dentes.

Sob a sombra acolhedora da jabuticabeira, testemunha de tantos diálogos, Juca tinha sua fazenda encantada. Com sabugos, chuchus e varetas de bambu, ele dava vida a criaturas, que conviviam com os brinquedos de plástico herdados dos irmãos mais velhos; todos povoavam o curral mágico. Ali, cavalos e bois ficavam com dragões e

cavalos-alados, porcos e galinhas, carneiros, cachorros e até dinossauros, todos compartilhando o mesmo espaço em harmonia.

Próximo à fazendinha, entre os arbustos de cipreste, habitavam seres misteriosos. Corpos-secos, cucas, caaporas e sacis nascidos de brotos de bambu faziam daquele lugar sua morada. Eles eram travessos, adoravam pregar peças em Juca, que, longe de se zangar, ria e os acolhia como amigos imaginários.

Juca era um mestre em dar vida aos seus companheiros de brincadeira, dando-lhes nomes e vozes únicas que ecoavam pela floresta em diálogos hilários:

- Macaco-prego, se te pego! Vou te transformar em um tapete, rugia o elefante, fingindo irritação com as travessuras do macaquinho que fazia de sua tromba um escorregador.

- Você não me pega nem se eu ficar parado, seu grandão desajeitado, retrucava o macaco, fazendo caretas e fugindo pela floresta montado em uma mula sem-cabeça que cuspia fogo.

O elefante, na verdade, apreciava a companhia do macaco e aguardava ansiosamente por suas aventuras diárias. Afinal, a vida entre amigos é uma mistura de brigas e gargalhadas, um ciclo de encontros e despedidas, sempre com a promessa de um novo dia de brincadeiras.

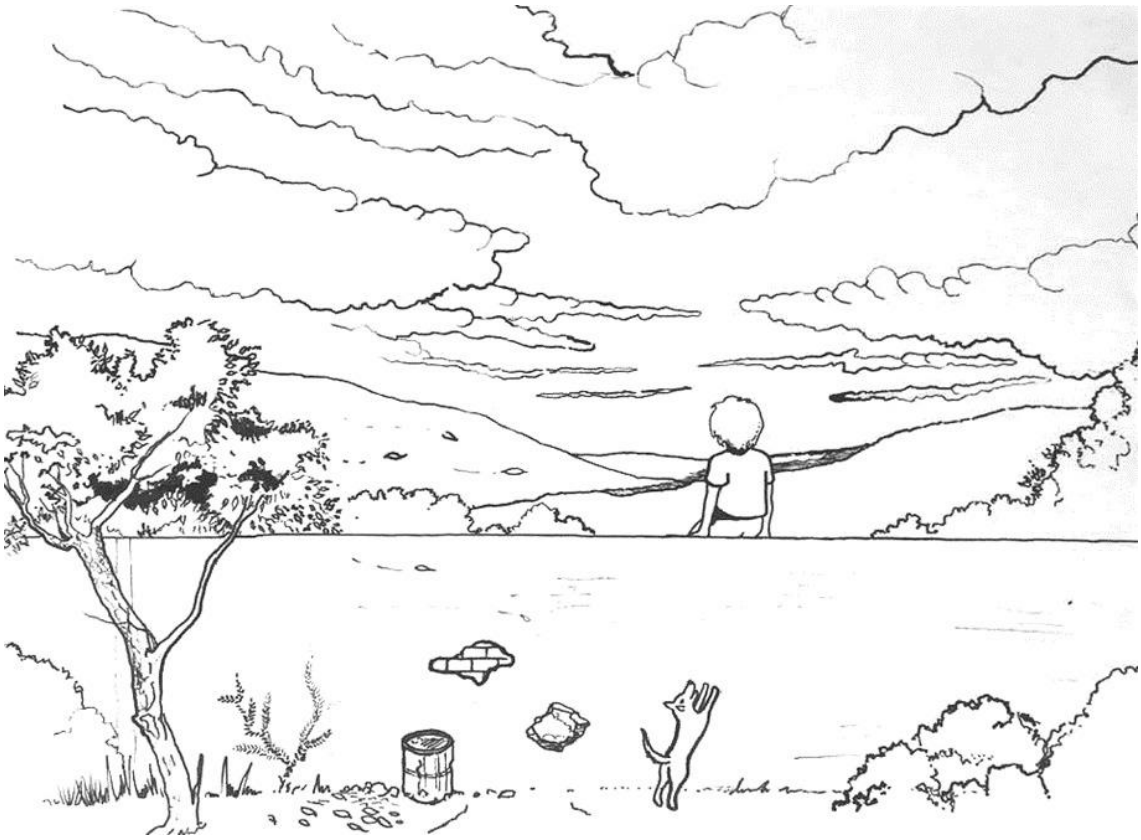
E assim, no mundo de Juca, a amizade e a imaginação eram cultivadas sob a jabuticabeira, onde cada brinquedo era personagem de um conto que nunca se repetia.

Ele não era apenas amigo dos animais; também era um grande construtor. Com caixinhas de fósforo e um punhado de barro e palha, Juca moldava tijolos minúsculos e erguia casinhas e muros ao redor da Fazenda da Jabuticabeira, um ensinamento precioso de seu pai que

conhecia muitas coisas antigas e falava que, no passado, os tijolos eram chamados de adobes.[1]

O menino adorava escavar a terra, e criou um buraco que virou uma lagoa com a água da chuva. E dessa lagoa, com carreteis de linha que sua mãe lhe dava, Juca construiu um sistema de canos, a água corrida livre debaixo da terra.

Para Juca, ver a água brotar dos carreteis era como assistir a um espetáculo, uma celebração da vida que fluía pelas suas mãos de construtor.



Depois de horas a brincar na fazenda, Juca escalava o muro e se perdia na contemplação do horizonte. Ele amava ver o sol se pôr. Diziam que ele era um sonhador, e talvez fosse mesmo, como um passarinho que se deleita voando na vastidão do céu.

Depois de algum tempo, saía do muro e deitava-se no telhado de sua casa, entre as mexericas que colhia sem esforço pois os galhos – de tão carregados – envergavam sobre o corpo do menino. Juca sentia

[1] EXPLICAÇÃO: Tijolos de adobe são feitos a partir da mistura de terra, palha e água, moldados e secos ao sol, sem a necessidade de queima no forno.

o delicioso aroma cítrico que se tornou parte de suas lembranças mais queridas, até hoje. Ao seu lado, Mané, o gato preto, compartilhava da preguiça, ambos observando a fumaça da chaminé dançar e escrever segredos no ar.

Juca via mais do que o céu; ele via histórias. Os rastros dos aviões a jato, as nuvens mutantes, tudo se transformava em rostos de criaturas fantásticas que só ele podia ver. O céu de Juca era uma tela viva, um desfile de arte que só seus olhos conseguiam apreciar.

Enquanto a fumaça sinalizava o jantar por vir, Juca sonhava com os sabores da cozinha de sua mãe. Ele tinha um gosto peculiar, amando até o que outras pessoas achavam estranho, como o jiló e a jurubeba, a pimenta e outras delícias.

Sim, ele era corajoso, não temia comida amarga e ardida e gostava de andar na chuva, como nenhuma outra criança fazia. Sua mãe alertava sobre resfriados, mas ele teimava e dançava debaixo da água.

Sobre o tempo

Numa tarde ensolarada, o pequeno Juca encontrava-se aconchegado no chão fresco da sala. Com os olhos brilhando de entusiasmo, ele alinhava os cavalos para a grande aventura que estava prestes a começar.

Ao fundo, o som suave da rádio AM preenchia o ambiente com a melodia de "Outra vez", uma canção do Roberto Carlos, e outras tantas daquele gênero romântico. Sua mãe, sentada na poltrona favorita, movia as agulhas de tricô e crochê com destreza. Enquanto isso, a imaginação de Juca ganhava asas. Os cavalinhos transformavam-se em nobres corcéis e o chão da sala cimentado de 'vermelhão' dava lugar às ruas vibrantes de uma megalópole fantástica.

Juca lembrou-se de São Paulo. Ele a conhecia pela TV. Não tinha certeza, mas pensava que era a cidade mais distante do mundo. Mais

que as paisagens mostradas nos filmes de faroeste. Pelas revistas, em cada esquina, ele via em São Paulo uma nova descoberta; em cada rosto, uma nova história.

Ele nunca havia pisado em um shopping center, mas quis saber como era. Seu conhecimento sobre esse colosso vinha das propagandas das páginas coloridas das revistinhas da Turma da Mônica, onde São Paulo aparecia como um labirinto de lojas cintilantes. E no meio desse cenário, estava o Playcenter, um famoso e cobiçado parque de diversões.

- Como é a cidade grande, mãe? - perguntava Juca.

Leonina, cujos pés jamais haviam deixado o solo de seu pequeno mundo, respondia com a simplicidade de quem conhece a vida pela essência:

- É um mar de gente onde as almas se cruzam sem se ver, Juca. Lá, os 'bom dia' se perdem no meio dos prédios altos e na pressa das ruas que nunca dormem.

- Isso é ruim? - Juca indagava, o cenho franzido em pensamento profundo.

- Pode ser, meu filho. Pode ser. Lá não tem nossas árvores de mexerica e jabuticaba, e os bichinhos não brincam livres como aqui. As ruas são um perigo e o verde é raro.

Desatento aos "poréns" mostrados pela sua mãe, Juca falava com entusiasmo dessas maravilhas urbanas: shoppings, metrôs, parques, estádio de futebol... Mas Leonina continuava com suas agulhas tecendo sonhos como se olhasse para o horizonte, e dizia com um suspiro:

– Ah, Juca, tudo isso cansa. Ocupa o mais precioso que temos, aquilo que, uma vez perdido, nunca mais se recupera.

– E o que é o mais precioso que temos, mãe? – a bisbilhotice de Juca era um pássaro sempre pronto para voar.

– O tempo, meu filho. O tempo é o que há de mais precioso. Aqui, a gente vive o tempo, não o perde. Aqui, cada segundo é um grão de areia em nosso castelo de momentos. A gente respira melhor, sabe? Os momentos são tudo na vida. Como este que estamos vivendo agora.

Juca murmurava "ham? ham?", uma expressão de dúvida em seus lábios. Ele não compreendia bem essa história de tempo. Não sabia nem que ano era. Mas supunha que queria viver e achava que sua mãe era uma sábia quando dizia tantas coisas que ele achava tão bonitas.

– Sabe, Juca – Leonina sorria, seus olhos refletindo a sabedoria de gerações – você pode ser criança até quando seu coração desejar. O mundo lá fora pode esperar; aqui, o tempo é nosso amigo.

E Juca, com a cabeça cheia de fantasias e emoções, entendia que sua mãe às vezes falava em enigmas, mas cada palavra era uma semente plantada em seu jardim de infância.

– "O tempo! O tempo!", pensou o menino, em voz alta.

A grande viagem e o duelo com a assombração

Para Juca, o reino possível das maravilhas não era um shopping – embora ele quisesse conhecer um. O melhor lugar do mundo era o

pomar do sítio dos tios. A jornada até lá começava com uma carona no caminhão do leiteiro, que sacudia pelas estradas de terra, recolhendo o leite fresco para a fábrica de queijos da cidade.

As viagens eram feitas em comunidade, e o caminhão do leiteiro era o único transporte, também um símbolo de amizade e solidariedade.

Antes do sol raiar, as pessoas se reuniam, esperando a vez de subir no caminhão. Não havia cobrança de passagem para andar no caminhão; era um gesto de gentileza, um favor da boa vizinhança. Era um tempo diferente.

Para Juca, cada viagem era uma aventura épica, como se estivesse a bordo de um trem de ferro cruzando terras distantes. Os trens de verdade eram o sonho de muitos meninos, mas Juca encontrava a magia nos trenzinhos de lata de sardinha, criando suas próprias locomotivas. Quem podia, comprava o Ferrorama, um brinquedo cobiçado por tantos meninos.

O trajeto lento e cuidadoso do caminhão durava quase uma hora da cidade até a casa dos tios de Juca, pois ele carregava não apenas leite, mas pessoas, histórias e esperanças. Assim, tinha que ir devagar e com cuidado. Para descer, bastava o passageiro dar um toque no teto da cabine, e o motorista parava, recebendo um sincero 'Deus lhe pague' em gratidão.

Juca tinha um companheiro fiel nessas viagens: Titio, um cachorro vira-lata de um olho só, malhado de branco e caramelo. A história de Titio era um mistério mais antigo que o próprio Juca porque ele nasceu antes do menino vir ao mundo. O que todos viam com clareza era a alegria do bichinho, que fazia a vida muito melhor.

A saúde dele não era perfeita. Nem a de Juca, que vivia com a garganta inflamada e enfrentou uma hepatite. No entanto, sua alegria permanecia inabalável, inspirada pelo Titio, o cachorrinho sem um olho que vivia sorrindo.

Às vezes, os dois dispensavam o caminhão do leiteiro e iam a pé ao sítio. Na caminhada, desfrutavam de tudo o que a natureza oferecia:

a atmosfera livre de poluição, o sol revigorante, o frescor da flora, os sons mágicos e misteriosos das matas cheias de vida, os rios lentos e as cores do céu e das flores, obras de arte únicas que nunca se repetiam.

O caminho era um corredor de árvores, lar de passarinhos que entoavam canções de pura felicidade. As corridas pela estradinha de terra ao lado de Titio eram uma aventura, mesmo que o cachorro sempre ganhasse porque era muito mais ligeiro. Mas também havia alguns sustos nesse trajeto.

Enquanto passava em meio aos arvoredos mais fechados, Juca ia se lembrando das histórias cabulosas que ele ouvia em casa. As matas ao redor escondiam lendas de lobisomens e corpos-secos, criaturas sombrias que assombravam os caminhos.

Juca ouvira que corpo-seco era um homem cruel que, após sua morte, foi condenado a vagar pela terra, secando árvores com um simples toque de suas mãos e assustando viajantes.

Certa vez, no coração da mata, Juca encontrou um homem vestido de preto, sentado solitário no barranco à beira da estrada, bem debaixo do velho ipê amarelo.

O menino gelou. Ainda mais quando, ao longe, veio o huuuuu de uma coruja. Seria aquele homem ali sentado um temido corpo-seco? Com Titio ao seu lado, Juca passou cautelosamente do outro lado da estrada, observando a figura misteriosa até que ela deixasse o barranco, passasse debaixo da cerca de arame e sumisse em meio ao bosque.

Com o coração ainda batendo forte pela emoção, Juca correu ao encontro dos primos no sítio. Os olhos das crianças brilhavam de curiosidade enquanto Juca começava a narrar sua experiência arriscada e extraordinária diante da assombração:

- *Vocês não vão acreditar!* - exclamou, com um sorriso convencido e os olhos arregalados. *Lá estava eu, caminhando pela estrada quando, de repente, descobri o corpo-seco, a aparição mais temida de todas! Eu vi!*

Os primos se aproximaram, pendurados na porteira, enquanto Juca continuava contando, entre apavorado e empolgado:

- Mas eu não me assustei. Não, senhor! Eu encontrei uma espada caída bem ali, no meio do caminho, como se o destino a tivesse colocado lá só para mim.

Ele fez uma pausa dramática, olhando para os rostos ansiosos dos primos, antes de prosseguir:

- Então, com a espada em mãos, eu encarei o corpo-seco. Ele era alto, forte e assustador, com olhos que brilhavam como brasas no escuro e carregava uma imensa cobra enrolada no pescoço. Estava todo vestido de armadura preta e tinha uma espada. Mas eu não tive um pingo de medo. Levantei a minha espada e o desafiei para uma batalha!

Juca ergueu os braços, imitando o gesto de empunhar uma espada, e os primos se agitaram.

- E vocês sabem o que aconteceu? O corpo-seco, vendo minha coragem e que eu estava armado, montou numa onça-pintada, que rugia tão alto que parecia um trovão! E então, num piscar de olhos, eles desapareceram na floresta, deixando apenas o eco do rugido e uma nuvem de poeira.

Os meninos não conseguiam conter as gargalhadas enquanto ouviam sobre a aventura do bravo guerreiro. Entre muitas risadas, eles revelaram o segredo por trás da figura que Juca havia encontrado.

- Ah, Juca, esse senhor não é uma assombração, disse um dos primos, enxugando uma lágrima de tanto rir. *Ele é o Zé Cipó, o andarilho mais pacífico e curioso de todos os tempos!*

Juca, com os olhos de surpresa, escutou atentamente enquanto os primos contavam a verdadeira história:

- Zé é conhecido por todos aqui. Ele caminha pelas estradas e trilhas. Traz sempre um cipó no pescoço, porque aquilo pode ser útil para ele amarrar algo. Por isso ele se chama Zé Cipó. Ele não tem espada, mas está sempre com seu fiel guarda-chuva. Mesmo sob o sol escaldante do verão, suas roupas são pesadas e pretas, como se ele estivesse pronto para uma tempestade e um inverno a qualquer momento.

Outro primo, um pouquinho maior, lá com seus 13 anos, se aproximou de Juca e continuou:

- Mas o mais incrível é que ninguém sabe ao certo de onde ele vem ou para onde vai. Zé aparece como um sopro do vento e desaparece tão rápido quanto.

Juca ficou maravilhado com essa revelação. Zé Cipó não era uma assombração, mas sim um poeta ambulante, um homem que sumia como um pé de vento, cuja vida era uma aventura sem fim, antes que outro primo metido a filósofo concluísse:

- Ele é como os passarinhos e as pessoas errantes, que voam e caminham sem destino, deixando um rastro de histórias e canções pelo caminho.

E assim, Juca aprendeu que nem todas as sombras escondem monstros; às vezes, os mistérios da vida são apenas pessoas extraordinárias vivendo suas jornadas únicas.

Zé Cipó tornou-se mais um personagem na grande aventura de Juca, um lembrete de que a poesia pode ser encontrada nos lugares e nas pessoas mais inesperadas, debaixo de um ipê e até mesmo no silêncio. Zé desapareceu sem fazer barulho, mas deixou uma poesia no ar ao cruzar o caminho dos pios da sábia coruja, que reinava naquela mata fechada.

Juca não perdia tempo. Depois de contar suas lorotas e ouvir histórias dos primos, ele corria para escalar as árvores, colher frutas frescas e competir com a natureza por cada doce tesouro, entre abelhas, borboletas e beija-flores. Com a cara suja de manga, o balanço na mangueira se transformava em seu tapete voador, e ali, balançando alto, Juca curtia a brisa e sobrevoava o mundo imaginário.

Ele era agora um astronauta, observando o globo inteirinho lá embaixo, onde cada dinossauro não passava de uma formiguinha carregando uma folha nas costas.

Enquanto isso, Titio se refastelava nadando no açude entre os lambaris. Ele também fazia amizade com os outros animais do sítio, mas às vezes se envolvia em confusão. Levava bicadas dos perus e espetadas dos porcos-espinhos. Mesmo assim, não desistia de brincar e explorar o mato, pois também era um grande aventureiro, e seu destino era farejar.



O reino era uma casinha branca

O pomar era apenas o começo das aventuras de Juca. Havia também o riozinho, que seu primo chamava de mar, com sua pinguela de bambu que balançava e rangia, desafiando os corajosos a cruzá-la sem cair nas águas claras e refrescantes. E se caíssem? Era só nadar até a outra margem, onde uma cachoeira os esperava com sua espuma branca que fazia deliciosas massagens sob o murmurinho das águas.

Ali perto estava a casinha branca, no vale entre as montanhas e os pássaros em festa, fazendo muito barulho. A casa do sítio era um pedaço tirado de um conto de fadas. Suas paredes tão limpas refletiam a luz do sol que invadia as janelas e portas azuis, e o jardim ao redor era um arco-íris de flores que dançavam ao sabor do vento. Seus tios e seus seis primos preenchiam o lugar com risadas e brincadeiras; sua tia o recebia com abraços com fragrância de rosas.

O café da tarde era um banquete de sabores caseiros: bolo de fubá que derretia na boca, coalhada cremosa, melado de cana-de-açúcar e pipoca estourada com o milho que vinha do quintal, servida com manteiga. Juca se deliciava, lambuzando-se de alegria no sítio encantado.

A casa exalava o perfume de café recém-coado e chá de hortelã. As paredes eram cheias de fotos antigas, lembrando familiares e histórias. Nos dias frios, a serpentina que passava pelo fogão a lenha aquecia a água e as almas, reunindo a família para compartilhar calor e histórias infinitas.

O tio narrava contos de assombração que faziam a imaginação de Juca voar longe, e ele sempre pedia: *"Conta mais um!"*. Sim, Juca já sabia tudo sobre lobisomens. Já as primas gostavam de ler livros que o transportavam para mundos fantásticos cheios de amor e romance.

Mas, no fundo, Juca sabia: nenhum lugar era melhor do que aquele em que estava; sentia-se protegido, amado, inspirado.

O sítio ficava perto da cidade, mas o menino se sentia em outro mundo muito distante dos barulhos urbanos. Ele se imaginava um príncipe viajante e aventureiro, que visitava aquele reino misterioso em que moravam seus nobres parentes. E, de fato, eram muito nobres, porque eram bondosos. Há maior nobreza do que essa? O que você acha?

Velocidade máxima no carrinho de rolimã

De volta à cidade de Vila Alegria, Juca, um fervoroso torcedor do Palmeiras, decidiu presentear Titio, seu fiel amigo de quatro patas, com uma camiseta do time de futebol. A camiseta foi adquirida na animada quermesse local. Titio, ao vestir a camiseta verde e branca, transformou-se em uma sensação instantânea; o primeiro cão vestido com as cores do Palmeiras, e todos na vizinhança o admiravam. Certamente, se naquela época existissem smartphones, muitas pessoas teriam tirado selfies ao lado desse canino estiloso.

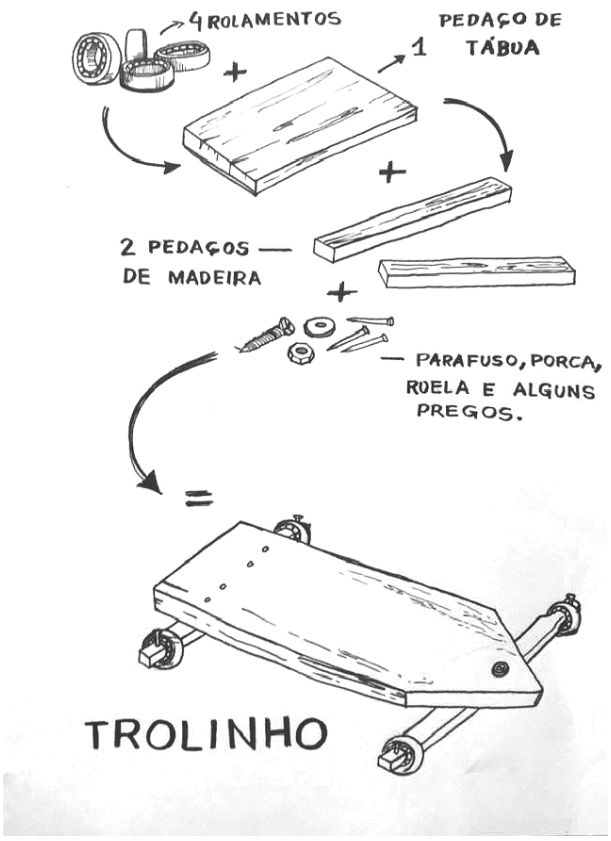
Nas ruas, Juca jogava bola com os amigos, correndo até que a sede o vencia. Então, ele bebia água fresca da torneira da praça, na palma da mão, numa época em que a água mineral engarrafada era algo incomum.

Feito de contrastes, nem todo herói, nem todo travesso, mas uma mistura que o tornava único. Ele cometia pequenas traquinagens que faziam parte do crescimento. Com seu estilingue em mãos, ele se transformava em um valente dos quintais, onde as batalhas de mamonas terminavam sempre em risadas entre os meninos da rua.

Luizinho e Éverton eram mais que amigos, eram companheiros de todas as horas. Juntos, recriavam cenas dos bang-bangs nas guerras de mamonas ou com bonecos de caubói e heróis do faroeste, vivendo cada dia como se fosse um capítulo de um grande filme.

Às vezes, Juca tomava emprestada a bicicleta de um amigo e pedalava pelas ruas sem medo, sem capacete ou joelheiras. Ninguém usava nada disso. Quedas eram parte do jogo, e ele sempre se levantava, pronto para mais uma volta.

Mas a emoção mais forte vinha com seu carrinho de rolimã, uma obra de arte feita de madeira, pregos e rolamentos conseguidos numa oficina mecânica. Era veloz, descia ladeiras como um foguete, esquivando-se de buracos, pedras e de carros que passeavam sem pressa. Fuscas, Brasílias, Jeeps e Fiats 147 pareciam brinquedos perto de seu trolinho.



Juca se sentia um piloto de Fórmula 1, um herói das pistas urbanas, inspirado em Ayrton Senna. Não havia medo, apenas a adrenalina pulsante de quem curtia a sensação de liberdade e o desafio de cada curva. Sim, era perigoso, mas era essencial correr perigos.

E não ficava só nisso. Eram muitas as brincadeiras que a rua oferecia.

As conversas, com eles sentados no meio fio e comendo pinhão, também eram divertidas: os vizinhos se uniam em pactos de amizade e compartilhavam segredos. Juca tentava recontar as histórias de assombração do tio da roça, mas se confundia todo porque só os mais

velhos tinham a habilidade de narrar cada detalhe. Suas piadas também não eram as melhores, mesmo assim riam dele – e ele achava que estavam rindo das anedotas sem-graça.

Além dos amigos da sua idade, Juca nutria um carinho especial pelas pessoas mais velhas da cidade. Ele frequentava barbearias, vendinhas e as casas dos amigos de seus pais, encantando-se com as histórias que essas pessoas contavam. Aprendia valiosas lições de vida e observava como se comportar, enquanto apreciava os doces e balas que ganhava delas. Uma tradição local eram as balas de coco que derretiam na boca.



Um jeito único de falar

Juca vivia numa cidadezinha onde o sotaque era uma melodia da Paulistânia[2] , um jeito peculiar de falar que ele adorava explorar. "Ocê" era o mesmo que você, "tamém" era também, e "uai" era uma expressão mágica que mudava de significado com o tom de voz: uai podia ser uma pergunta, uma exclamação, uma vírgula, uma confirmação ou apenas um uai perdido entre uma prosa e outra, sem muito sentido.

---

[2] EXPLICAÇÃO: Paulistânia: um neologismo criado por Alfredo Ellis Jr (1896-1974) para imitar Lusitânia (povo ibérico pré-romano). Segundo ele, apenas o estado de São Paulo é totalmente caipira. Os demais estados presentes no mapa da Paulistânia são parcialmente caipira: Minas, Goiás, Paraná, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso.

Veja só como é que eles conversavam, ou melhor, proseavam:

- Nóis vai no córgo nadá hoje, uai! - anunciava Juca à sua mãe.

- Menino, toma jeito! Ocê precisa ajudar a varrer o quintal e parar de me dar preocupação! - repreendia sua mãe, com um olhar sério, mas cheio de amor.

- Ah, mãe, deixa eu ir. É só hoje. Depois eu varro o quintal, prometo.

Juca sabia negociar com a doçura de suas palavras.

- Tá bom, Juca. Mas só hoje. E cuidado no córgo, viu! Não vai se machucar, nem se sujar. E volta antes do anoitecer.

A voz de sua mãe carregava a preocupação de quem ama.

- Pode deixar que eu farei tudo que a senhora mandou. E não se preocupe, que eu vou me cuidar. Tchau, mãe!

Juca abraçava sua mãe e corria para o córrego, onde a aventura e a promessa de diversão o aguardavam junto aos amigos que já o esperavam no córrego encantado. A água fresca e as risadas eram tesouros tão valiosos quanto o tempo passado junto daquelas pessoas.



O despertar

Em uma cidade cercada por montanhas e riozinhos, Juca não sabia dos problemas que se escondiam nas sombras daquela paisagem.

Tudo era realmente bonito, mas... existiam outras realidades, que eram tristes.

Juca acreditava que sua cidade poderia ser um lugar melhor, um lar onde a terra fosse para todos, o trabalho abundante, os direitos respeitados e as crianças cuidadas com amor. "*Mas onde é que se cuida bem das crianças neste país?*", ele ouviu um adulto indagar desse jeito em uma mercearia. E Juca ficou pensando...

Cultura era uma joia rara na cidade de Juca. Poucos tinham acesso. Às vezes, ele via as festas e comícios, onde políticos prometiam mundos e fundos. Um dia, Juca ficou frente a frente com um homem que estava visitando sua terra e aspirava ser presidente do Brasil. As palavras do idoso sobre o futuro e a justiça tocaram o coração do menino, que se perguntava: *"Com tantas palavras bonitas, o que ele fez, até aqui, para melhorar o mundo?"*

Aos nove anos, Juca já refletia sobre seu próprio futuro. Ele observava os vizinhos, que tinham mais coisas do que ele porque seus pais possuíam mais dinheiro e educação. Ele via a importância que a sociedade dava às aparências e às palavras bonitas que só quem estudava conseguir emitir. Sua família, trabalhadora e honesta, lhe dava orgulho, mas ele ansiava por mais. Também queria ter oportunidades, direitos e voz.

Seu pai, um trabalhador rural, e sua mãe, uma dona de casa, não sabiam ler nem escrever, mas ofereciam a Juca um amor incondicional. "*Culpa de quem?*", ele pensava, sobre a falta de educação que seus pais enfrentaram devido a um governo negligente e a uma sociedade injusta.

Juca passou a sonhar com as pequenas coisas: brinquedos da Gulliver e da Estrela, um videogame, uma calça jeans USTop ou Lee, uma carteira OP, um tênis All Star. Ele queria ver filmes no cinema, saborear o chocolate Nestlé que só provou uma vez e o sorvete Kibon que a televisão mostrava sem parar. Diziam que Coca-Cola era muito bom. Ele desejava uma vitrolinha, uma calculadora de bolso e um

walkman. Mas... sabia que eram luxos. Nada disso era para ele e para gente como ele.

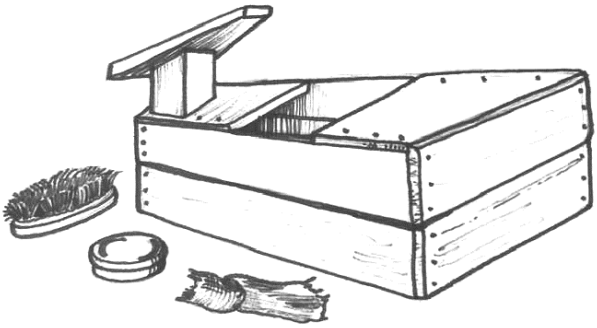
Sua mãe, embora magrinha e cansada pela idade, uma vida inteira de trabalho, mantinha um jardim florido e era uma conselheira sábia. Ela não podia dar tudo, mas com amor, oferecia a Juca algumas das moedas conseguidas com a lavagem de roupas e as costuras. Ele comprava doces na mercearia: paçoquinha, geleia de mocotó, gibi [como era chamado o doce de amendoim]. Sorvete Kibon e chocolate Surpresa, porém, eram sonhos caros. Mas será que isso fazia diferença mesmo?

O menino cresceu em uma casinha simples, com telhado de barro, sem forro, piso de 'vermelhão' e iluminada pela luz de lamparina a querosene, já que a eletricidade só chegou à casa quando ele tinha seis anos. Junto veio a TV.

O primeiro programa que ele assistiu foi o da Turma do Lambe-lambe comandada pelo Daniel Azulay, que era muito divertido e inteligente; ensinava as crianças a desenhar e a construir vários brinquedos.

Juca também gostava de ver a novela O Meu Pé de Laranja-Lima, que contava as aventuras do Zezé, um menino que tinha um amigo imaginário que era uma árvore. Juca se emocionava com as histórias do Zezé e seu irmão Luizinho. Logo estrearam na TV o Palhaço Bozo e a Turma do Balão Mágico, que a criançada do Brasil inteiro aprendeu a curtir.

Ah, ele assistia, todo santo dia, ao Sítio do Pica-pau Amarelo na TV em preto e branco. Era o seu programa favorito, que passava à tarde. Juca saía correndo da escola para dar tempo de ver as aventuras de Narizinho, Pedrinho, Emília e Visconde de Sabugosa, que viviam no sítio da Dona Benta e da Tia Nastácia. Eles enfrentavam bruxas e gigantes e viajavam pelo Reino das Águas Claras e pelo País das Fábulas.



Juca, um menino de pés descalços e sonhos alados, encontrava alegria nas coisas simples da vida. Até certa idade, não precisava de sapatos para sentir-se especial; um par de chinelos velhos ou a terra fresca sob seus pés eram suficientes para lhe dar dignidade.

Ele conheceu muitas profissões: foi engraxate na porta da igreja, colheu café nas férias, entregou pães nas casas antes do amanhecer e vendeu picolés no Dia de Finados sentado à porta do cemitério. Cada trabalho era difícil, mas também era parte de uma grande brincadeira, e Juca se imaginava em papéis heroicos e fantásticos enquanto ganhava seu dinheirinho.

O menino sonhava em ser jornalista e até cientista; rabiscava coisas em papel de pão e criou um laboratório no fundo do quintal, cheio de vidros que serviam como seus tubos de ensaio.

Enquanto fazia suas misturas malucas, ele ligava o rádio revestido de madeira, ouvia canções que falavam de amor e aventura, sonhando em ser radialista e espalhar notícias e músicas pelo ar. Só não gostava quando o rádio ditava como as crianças deveriam se comportar, como naquela música do Palhaço Carequinha, que dizia: *"O bom menino não faz pipi na cama..."*. No entanto, se encantava com as canções dos grupos Balão Mágico e do Trem da Alegria, em que crianças cantavam para crianças.

Para se divertir, Juca gostava de ir às quermesses. No meio do povo, ria com as tentativas dos meninos de pegar o dinheiro do topo do pau-de-sebo e ouvia as músicas que vinham do alto-falante. Também apreciava as delícias das barracas: pipoca, algodão-doce,

maçã do amor e pastel. Quando conseguia algum dinheiro, frequentava a roda-gigante, o tobogã e o bate-bate.

Foi numa dessas quermesses que Juca tirou sua única foto acompanhado do Titio. Era uma foto de monóculo. Você sabe o que é um monóculo? Naquela época, era comum encontrar máquinas de monóculo nas quermesses, onde as pessoas podiam tirar uma foto e levá-la para casa. Juca e Titio acharam legal aquela novidade e resolveram experimentar. Riram juntos e guardaram a foto como uma lembrança daqueles dias felizes.



Isto é um monóculo.
Lá dentro há uma foto de Juca e Titio.



O circo dos sonhos e os perrengues da vida real

Juca reunia facilmente a criançada em seu quintal, sob a lona de um circo imaginário, onde palhaços, malabaristas e mágicos davam vida ao show que ele dirigia com maestria. Cada menino exercitava o seu talento e se apresentava aos demais, e todos aplaudiam.

Quando o circo de verdade chegava à cidade e pintava o céu com sua lona estrelada, seu coração batia ao ritmo do tambor. Sem dinheiro para o ingresso, ele encontrava maneiras criativas de se infiltrar no espetáculo: a serviço dos donos da companhia, vendia doces para a plateia. Ou deslizava por baixo da lona, porque o espetáculo não podia parar. Ele não perdia um ato sequer, vivendo cada temporada como se fosse a última.

Os circos daquela época eram reinos de maravilhas e mistérios, onde palhaços e dramas fascinavam o distinto público. Lembre-se: não havia internet e muito menos smartphones. As pessoas não podiam simplesmente clicar e ver o mundo todo na palma da mão. Não, elas tinham que esperar ansiosamente por visitantes de lugares distantes trazendo novidades.

E quem eram esses visitantes?

Eram os circos, os ciganos e os parques de diversão! Quando esses espetáculos chegavam à cidade, era uma festa! As crianças corriam para ver. Os adultos também ficavam encantados com as apresentações, mas havia algo mais: a conexão com as pessoas andantes.

Sim, andantes! Esses viajantes conheciam muitos lugares. Tinham histórias para contar sobre cidades distantes. Eles traziam consigo mistérios e aventuras.

E quando os circos e os ciganos partiam, deixavam saudades e sonhos, deixavam um certo vazio na cidadezinha. Muitas crianças imaginavam-se viajando em caravanas, explorando terras desconhecidas. Os adultos, por sua vez, guardavam no coração as lições: a importância de olhar para além do próprio quintal, de valorizar as histórias e as pessoas que cruzam nosso caminho.

E assim, em tempos sem internet, a Vila Alegria se tornava um lugar mágico, onde as atrações não eram apenas espetáculos, mas também janelas para o mundo. E todos sabiam que, mesmo sem clicar em nada, podiam viajar para lugares distantes através das palavras e dos olhares.

Mas Juca, com seu coração puro, logo percebeu a tristeza dos animais selvagens aprisionados nos circos e, disso ele não gostava, pois aprendeu que a liberdade é o maior espetáculo da vida. Aí então, ele passou a gostar apenas dos números circenses que não tinham leões, girafas, macacos e elefantes. O lugar dos animais é a natureza.

As cartas que voavam

Na escola, Juca não era o mais brilhante dos alunos, mas possuía uma inteligência prática que o fazia mestre dos centavos e conhecedor dos preços das coisas, e isso o ajudava na tabuada. Afinal, ele era comerciante de picolés e engraxava sapatos.

As letras e palavras eram seus desafios, mas ele as conquistou com esforço e determinação, descobrindo um novo mundo nas páginas dos gibis que devorava com paixão.

Ele desenhava, sonhava e criava, guiado pelas mãos gentis de professoras como Helena e Graça, que viam em suas linhas tortas o potencial de um escritor ou jornalista.

Sentado nas velhas e pesadas carteiras de madeira da escola, Juca se perguntava sobre seu futuro. Seria ele como os homens de sua família, que trabalharam a terra sem nunca colher para eles os frutos de seus esforços?

Tudo aconteceu mais depressa quando ele se encantou por gibis, e queria entender o que havia escrito naquelas páginas coloridas cheias de personagens de histórias em quadrinhos.

A escrita o levou à magia das cartas. Nas revistinhas de antigamente, havia uma página onde as crianças deixavam seus endereços e podiam escrever umas para outras. Elas trocavam selos, figurinhas e postais. Era uma época mais tranquila e de pouco medo, então não havia riscos em expor os endereços.

Juca começou a mandar cartas para amiguinhos que moravam longe, e recebia muitas correspondências contando outras realidades de cidades grandes a vilas perdidas na Amazônia. Era uma emoção quando o carteiro chegava trazendo as correspondências.

O menino gostava de imaginar suas cartas voando, cruzando montanhas, rios e florestas, até chegarem aos lugares onde havia o mar, que ele queria conhecer um dia. Nas suas escritas, Juca

compartilhava detalhes sobre sua vida no interior e, quando possível, enviava cartões-postais (fotos) de Minas Gerais. Era uma experiência fantástica e emocionante!

Juca tinha plena consciência de que, por meio de suas palavras e sonhos, ele conseguia se conectar com o mundo, sem sair de Vila Alegria. Mais tarde, ele perceberia que a comunicação era sua verdadeira vocação. E tudo nasceu com as cartinhas.



O quadro negro onde se escrevia com giz, as aulas de religião, a cartilha Caminho Suave usada para alfabetizar. E o recreio. Hora de bater figurinhas. Na Copa de 1982, ele quase conseguiu completar o álbum com as fotos dos jogadores das seleções de todo o mundo.

Todos participavam das correrias na hora da fila para a sopa de fubá com ovos e couve colhida na horta da própria escola, que os alunos ajudavam a cuidar. Aliás, Juca gostava muito de trabalhar na horta e, às vezes, pedia à professora para deixá-lo sem as aulas de educação

física para ele poder, no lugar dos exercícios, cuidar dos legumes e verduras.

Enquanto lidava na hortinha da escola, Juca se perguntava se seu destino seria como o de seu pai e dos homens de sua família desde os seus tatatataravôs. Eles haviam dedicado suas vidas à terra, mas suas histórias pareciam se perder como folhas ao vento.

Nascido em uma casinha humilde, cedida pelo patrão, no topo de uma montanha chamada Silêncio, Juca conheceu um mundo onde os direitos eram como estrelas longínquas, brilhando para poucos. Seu pai, um homem de terra e suor, nunca deixou sua marca em um papel, pois era analfabeto, e nunca escolheu quem governaria seu destino, pois jamais teve título de eleitor ou qualquer outro documento.

Juca e sua família desceram a montanha em busca de novos horizontes na cidade, onde as luzes elétricas prometiam um futuro diferente. A primeira vez que Juca viu aquelas luzes dentro de sua casa, sentiu como se tivesse descoberto um novo universo. Mas em seu coração, a chama de uma lamparina ainda aquecia as memórias da roça.

A cidade era um novo palco, mas a saudade da terra natal estava em seu peito. Juca sonhava com um dia em que sua família pudesse voltar, não como empregados da terra alheia, mas como donos de seu próprio pedaço de mundo, onde cada semente plantada seria uma promessa de um amanhã melhor.

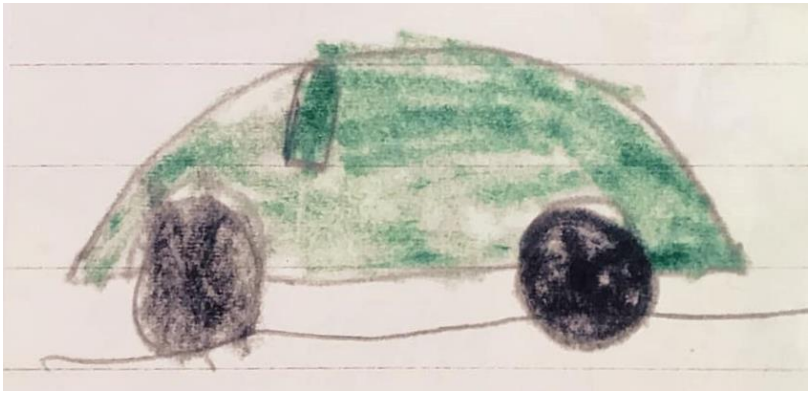
Aos seis anos, sem ter frequentado o pré-primário, que muitos consideravam algo supérfluo, uma perda de tempo, ele foi matriculado na escola. Ele não pôde ter o momento do prezinho, pois tinha que aprender logo – rápido! – para começar a trabalhar e ajudar em casa. Na época, poucos filhos de pobre cruzam o quarto ano de escola, que era o suficiente para saber a tabuada e escrever um pouquinho.

Seis anos e já trilhava os corredores da escola, um mundo novo e desafiador. As aulas eram um mar de letras e números que ele ainda aprendia a navegar, no primeiro ano. Era uma enorme pressão!

Mas era nas festas, entre as danças da quadrilha, que Juca encontrava sua alegria. Tímido, com um sorriso escondido por trás da seriedade, ele se deixava levar pela música e pelos passos em conjunto, descobrindo a felicidade.

Mais tarde, no quinto ano, a biblioteca era seu porto seguro, um refúgio onde os livros se tornavam amigos fiéis. Nas páginas amareladas, Juca viajava para terras desconhecidas, vivenciava aventuras épicas e enfrentava desafios ao lado de personagens corajosos. Sua professora lhe contou sobre O Mágico de Oz. Conhece?

Ah... Os meninos da rua da praia foi o livro que ele nunca se esqueceu, contando a história de garotos valentes do Rio Grande do Sul e uma Tartaruguinha sábia, ensinando-lhe sobre a força da amizade e a coragem de ser verdadeiro.



Desenho feito por Juca aos 6 anos.

Juca tornou-se um contador de histórias que pintava o mundo com piadas e travessuras. Seu riso era uma melodia nas praças e esquinas, mas aprendeu que algumas palavras, como apelidos indesejados, podiam desafinar essa canção tão linda. Com um coração maior que suas brincadeiras, ele pediu desculpas a quem ele pôs apelido e prometeu ser mais gentil, respeitando as pessoas pelas suas diferenças.

Na escola, sua voz era a batuta que regia o grêmio estudantil, orquestrando algumas festas e dando vida ao jornalzinho. Falava com a confiança de quem sabia que as palavras têm poder, embora às vezes

seu perfeccionismo fosse sussurrado pelos corredores que diziam que ele era um chato.

Mas Juca, alheio aos murmúrios, dançava pela vida com a alegria de quem escreve sua própria história. Datilografava seus textos, "catando milho", e, assim, o jornal ganhava forma no mimeógrafo, uma relíquia que imprimia tinta roxa.

E você, já ouviu as histórias que as máquinas de datilografia e os mimeógrafos têm para contar? Aliás, você sabe que equipamentos são esses? Duvido que saiba! 



Quase um anjo...quase!

Juca era um coroinha dedicado, ele ajudava nas missas e carregava uma fé que ia além das palavras do catecismo. Ele acreditava

que todas pessoas tinham um pouco de fé, mesmo que a chamassem por nomes diferentes.

Mas... ele gostava de fazer pegadinhas e assustar os outros. Um dia, ele teve uma ideia maluca: resolveu entrar na igreja à noite e tocar o sino. Ele sabia que havia um boato de que na torre morava um fantasma. Será que morava mesmo?

Juca queria ver a reação das pessoas quando ouvissem o sino tocar sozinho, no meio da escuridão. Esperou até as sete da noite, quando a igreja já estava fechada. Ele se esgueirou pela porta lateral. Sentiu um arrepio ao entrar na igreja, que estava vazia e silenciosa. Ele pensou alto: *"Nossa, aqui são feitos os velórios!"*

Ficou todo arrepiado, pois, talvez, houvesse algum fantasma rondando o templo. Mas não desistiu da travessura. Estava decidido: iria até o fim.

Ele subiu as escadas que levavam à torre. Chegou perto da corda que balançava o sino e puxou com força, muita força. O sino fez um barulho ensurdecedor, que ressoou por toda a cidade.

As pessoas que estavam nas suas casas se assustaram e saíram às ruas para ver o que estava acontecendo. Elas olharam para a igreja às escuras e com as portas fechadas e viram o sino balançando sozinho. O povo ficou com medo e pensou que era mesmo o famoso Fantasma da Torre!

Juca, que estava escondido, ria muito. Com o ouvido zunindo e com um pouco de medo, ele esperou até que tudo se acalmasse na Vila Alegria. Desceu as escadas e saiu da igreja sem ser visto. Correu para casa e, no outro dia, contou para os seus amigos o que ele tinha feito. Alguns riram pela sua coragem. Mas outros duvidaram e disseram que, de fato, era o fantasma que tinha tocado o sino. O assunto saiu até no jornalzinho da cidade.

O dia em que descobriu o cinema

Juca não vivia só de sonhos e trapalhadas. O seu pai era um homem bom, mas sofrido. Ele trabalhava na roça desde criança, ficou órfão de pai, tinha que plantar e colher. Ganhava pouco e tinha que sustentar a família. Não tinha instrução, mas tinha sabedoria. Ele ensinava que a felicidade não está nas coisas que a gente tem, mas em valores como a honestidade, a humildade e a bondade.

Você concorda com o que dizia o pai do Juca?

O Juca gostava do pai, mas às vezes se sentia frustrado. Ele queria ter mais coisas, mais conforto, mais diversão. Ele queria conhecer o mundo, viajar, experimentar novidades, comprar muitos livros e gibis. Ou pelo menos saber que teria um futuro seguro. O que seria dele?

Aos 13 anos, ele continuava tendo sonhos de menino, mas agora também tinha medos. Sua voz começava a mudar, e isso era o anúncio de que a infância estava por um fio. Ele tinha amigos, mas também tinha inimigos. Conhecia sentimentos como a inveja e o preconceito! Ele tinha alegrias, mas também tinha tristezas e rebeldia. Juca já não subia o muro e nem olhava o horizonte sem questionamentos.

A história começou assim: Juca nasceu quando o pai e a mãe já eram velhos e avós. Eles tinham uns cinquenta anos e muitos filhos. Juca veio depois que o irmãozinho dele morreu de bronquite, com nove meses de vida. Eles ficaram muito tristes com a partida do bebê, mas também ficaram felizes com a chegada da nova criança, pouco tempo depois. Juca nasceu para ficar no lugar do morto. Era assim que ele pensava, e isso o afligia.

Seus pais trabalhavam muito e não podiam levá-lo para passear. Mas Juca tinha muita imaginação e vontade de conhecer o mundo. O

cinema era uma possibilidade de isso acontecer. Um dia, ele juntou todas as moedinhas que tinha guardado e foi até a praça da cidade. Lá, ele viu uma coisa que nunca tinha reparado antes: o cinema!

Ele comprou um ingresso, sentou-se na poltrona mais confortável que já tinha experimentado. O filme que passava era do Mazzaropi, um ator muito famoso e engraçado. Juca se divertiu muito com as aventuras e confusões do personagem, que vivia num lugar parecido com o seu, numa cidadezinha rural. Ele riu tanto que o tempo pareceu voar.

Quando o filme acabou, Juca saiu da sala de projeção e se deparou com outra novidade junto à portaria do cinema: um fliperama! Na verdade, eram várias máquinas coloridas e barulhentas, que tinham jogos incríveis. Juca ficou encantado. Ele colocou uma ficha na máquina que mais chamou sua atenção e começou a jogar. Era um jogo de corrida de Fórmula 1; ele podia dirigir um carro veloz e ultrapassar os adversários. Enquanto jogava, pensou no seu velho carrinho de rolimã.

Era um fim de tarde, e o céu começava a se tingir de tons alaranjados, um tempo de estiagem e calor. Os olhos fixos na tela, os dedos ágeis nos botões, ele se divertia como nunca. Mas algo mudou. A luz do dia diminuiu, e Juca percebeu que estava escurecendo lá fora. Ele correu para casa. A mãe o esperava na cozinha, com um sorriso acolhedor.

- Como foi o seu dia? - perguntou ela.

Juca respirou fundo. Ele tinha muitas coisas para contar. Coisas que sua mãe jamais imaginaria. Afinal, ela nunca tinha entrado em um cinema, nem sequer ouvido falar de fliperamas.

- Você não vai acreditar, mãe! - exclamou Juca e começou a tagarelar. Os olhos da mãe brilharam. Ela não entendia muito sobre jogos, mas amava ouvir as histórias de seu filho.

E na escuridão da noite, enquanto o céu se enchia de estrelas, Juca percebeu que, às vezes, as melhores histórias não estão nos cinemas ou nos fliperamas. Elas estão bem ali, na janela de casa, junto de quem amamos.

Em Vila Alegria, o tempo parecia passar mais devagar. Juca adorava filmes, mas havia um problema: o cinema local fechou e nunca mais reabriu. A tela gigante, os assentos confortáveis e o cheiro de pipoca pareciam pertencer a um passado distante.

Sem cinema, restava a Juca apenas a televisão. Claro, já existia o videocassete, mas isso era um luxo inalcançável para a maioria das famílias. Aquele aparelho mágico permitia assistir a filmes em casa. Juca sonhava com as fitas, mas sabia que eram como tesouros guardados em cofres trancados.

"Você já ouviu falar desse tal de videocassete?", perguntava Juca a seus amigos. *"Era como ter um pedacinho do cinema dentro de casa"*, explicava ele.

Então, Juca esperava. Esperava que a TV anunciasse bons filmes. Ele assistiu a muitos clássicos dos anos 1980 na TV em preto e branco.

O moleque tinha outra paixão: colecionar figurinhas de futebol. Elas vinham com os chicletes Ping Pong, e ele as guardava com cuidado em um álbum. Times, jogadores, escudos coloridos – tudo estava ali. E quando batia figurinhas com os amigos, sentia-se parte de algo maior, como se estivesse dentro de um campo de futebol.

Ah, como era bom ser criança! Juca brincava com seus carrinhos até os 14 anos, indiferente ao que os outros diziam: *"Você já é quase um rapazinho"*.

No fundo, ele sentia medo do futuro. Não sabia o que o esperava lá fora, além dos muros da Vila Alegria. Então, Juca decidiu aproveitar ao máximo sua infância. Ele não queria pensar no depois, nas responsabilidades e incertezas. O tempo era o que havia de mais precioso, do jeito que ele aprendeu com sua mãe. E ele queria era aproveitá-lo. Queria viver cada momento como se o tempo parasse naquelas tardes de filmes na TV e figurinhas.

E assim, entre aventuras cinematográficas e partidas de futebol imaginárias, Juca descobriu que a infância era um tesouro precioso. E mesmo sem cinema ou videocassete, ele tinha algo mais valioso: a capacidade de sonhar e viver intensamente a sua própria história.

Do pomar ao PIX

Quando Juca cresceu, percebeu que o mundo era diferente do que havia sonhado. Um mundo repleto de regras, etiquetas, cartões de crédito e, mais recentemente, transações via PIX. As palavras "eu te amo" eram ditas sem verdadeira emoção, evaporando logo depois quando estavam nas redes sociais.

Será que Juca ainda precisa daquilo que imaginava quando criança? Ou será que sua verdadeira riqueza ficou no Mundo Analógico dos anos 80?

Ele carrega consigo um pedaço daquele menino que nunca deixou de sonhar. A vida o encanta, mas agora o senso crítico o faz enxergar além do romantismo.

Você sabe o que é senso crítico?

O tempo é como um relógio incessante, com seus infinitos tic-tacs que nos questionam. As indagações que os ciclos da vida nos fazem mudam nosso olhar com o passar dos anos. Algumas pessoas se tornam mais curiosas, enquanto outras se acomodam e ficam cada vez mais quietas.

O tempo também é um professor com muitos alunos. Para alguns, ensina a observar as estrelas e fazer perguntas profundas para si mesmos. Para outros, é como um cobertor que aquece.

E você, o que acha que o tempo fez até aqui com você? Juca sente nostalgia. Nostalgia é uma saudade que mistura realidade e imaginação. Seu coração guarda um baú de tesouros, lembranças da infância. Brincar lá fora era uma aventura que envolvia todos os sentidos. E agora, hein? Em casa, na palma da mão, a gente tem o mundo. Ou pelo menos tem essa sensação de ter o mundo.



O eterno Menino Analógico segue sua jornada. Com um pé no passado e outro no presente, ele descobre que a verdadeira magia não está nos objetos que coleciona, mas nas memórias que eles evocam.

Cada história em quadrinhos, cada Playmobil, cada nota musical que vem da vitrolinha é uma ponte para aquele mundo sem wi-fi, onde a imaginação era a única conexão necessária.

O cão Zupinho e o gatos Cirilo e Zulmira, antenados no século 21, escutam atentos as histórias e as músicas dos Anos 80 que também vêm das plataformas de streaming. Diz o decano Juca, com sua barba ficando branca: "*No meu tempo, as músicas eram nos vinis e fitas cassetes, mas as aventuras não precisavam de bateria*".

Os bichinhos não entendem muito bem essa história de "analógico" e "digital". Mas quando Juca começa a falar sobre o cão Titio e o gato Mané, algo acontece: os olhinhos de Zulmira, Cirilo e Zupinho brilham de um jeito especial.

Diz Juca que, na sua época, não existiam pet-shops, ração de grife ou patê de salmão. Você, leitor, já sabe como era o Titio: um

aventureiro. O Gato Mané, por sua vez, era um felino esperto e malandro. Tinha olhos verdes como esmeraldas e um bigode que parecia ter vida própria. Ele vivia nas ruas da cidade, e aparecia de vez enquanto.

Agora, tudo é digital e acelerado, há mais ansiedade. Os humanos correm de um lado para o outro, digitando em seus aparelhos mágicos, a bordo de seus carros velozes, luzes piscantes e telas que mostram o mundo inteiro.

Juca, um navegador da internet, é um Homem Digital, mas continua gostando dos livros e gibis impressos no papel. Acredita? Ele ainda se surpreende com a tecnologia. No fundo, ele sabe que nada vale sequer um pixel perto da sensação de brincar no pomar ou de sentir o vento no rosto numa corrida de carrinho de rolimã.

Viver é sentir. E sentir é ser eternamente criança, não importa quantos anos o calendário insista em contar. É por isso que, mesmo quando o mundo adulto pesa, Juca encontra refúgio naquele moleque que sempre lhe estende a mão, lembrando-o de que a vida é uma grande brincadeira – ontem, hoje e sempre.

E, com um sorriso maroto, Juca sussurra para si mesmo: *"Viver é analógico, e eu sou um expert nisso!"* 😜

O tempo que ficou

Juca voltou.

Demorou trinta anos para voltar.

O caminhão do leiteiro não passa mais. Agora é asfalto. Asfalto quente, que faz o ar tremer no meio-dia.

Ele veio de carro. Carro com ar-condicionado, com GPS falando "vire à direita". Em mãos, um celular que não para de apitar. Mensagens. Notificações. Gente querendo o tempo dele.

Ele estacionou onde era a porteira. A porteira não existe mais.

A jabuticabeira ainda está lá.

Mais velha. Mais grossa. Tronco todo cheio de nós, como mão de trabalhador. Mas carregada. As bolinhas roxas, quase pretas, iguais às de antigamente.

Juca tirou o sapato. Depois a meia. Pisou descalço na terra. A terra estava fria.

Deitou embaixo. Como fazia.

Do bolso, o celular vibrou. Ele olhou. Era um e-mail. Era um boleto. Era uma urgência que não era urgente.

Ele desligou.

PLOC. Uma jabuticaba estourou na boca. Doce. Azedinha. A mesma de quando tinha nove anos.

E então ele entendeu, finalmente, o que Leonina queria dizer naquela tarde, com as agulhas de tricô na mão, ouvindo Roberto Carlos na rádio AM: "O tempo é o mais precioso que temos, meu filho. Aqui, a gente vive o tempo, não o perde."

O mundo lá fora tinha conseguido tudo que ele sonhava quando menino. Mas tinha perdido o que Leonina já sabia.

Juca ficou ali, descalço, até o sol se pôr. Como fazia antigamente, quando via nuvens virando bichos. O gato Mané não estava mais lá. O Titio também não. O Zé Cipó deve ter virado poeira de estrada.

Mas a jabuticabeira ficou. E o tempo, por uma horinha, voltou a ser dele.

Não analógico. Não digital. Só tempo.



Fim

Sobre o autor e o ilustrador

Júlio Olivar viveu em Poço Fundo e em Machado, cidades do interior de Minas Gerais. Reside no estado de Rondônia desde 1998. É jornalista, escritor e gestor público.




O mineiro Júlio Olivar (à esquerda) e o gaúcho Pablo Mack (à direita): infância nos anos 1980

Luís Pablo Trentin Mack é um artista que faz muitas coisas: ele pinta, dirige teatro, atua, dança. Como fotógrafo, ganhou prêmios pelo mundo. Nascido no Rio Grande do Sul, mora em São Paulo.

Pablo ilustrou este livro de um jeito especial, usando uma vareta de bambu e uma tinta preta chamada nanquim. Ele fez assim porque era como desenhava quando criança. Na capa do livro, ele usou recortes de revistas. Pablo quis fazer isso para combinar com o nome do livro: O Menino Analógico.



O ilustrador Pablo com o autor Júlio Olivar



Produzindo os desenhos para este livro

PÓS-ESCRITO / ilustrador

Uma homenagem às lembranças felizes

Eu vim de um lugar pequeno chamado Trentin, fundado por meu bisavô quando chegou da Itália. Sempre fui apaixonado por arte e aprendizado. Meu avô, um sábio agricultor, me ensinou a estudar e criar. Com a ajuda dele e de meus tios e tias, que eram professores, descobri como fazer meus próprios brinquedos e brincadeiras. Mesmo com poucos recursos, eu me divertia com piões e ioiôs, tesouros para um menino da roça.

Minha infância foi rica, talvez mais do que a de muitos meninos ricos. Aos 4 anos, um desenho meu foi selecionado e publicado na revista O Tatu, voltada à agricultura. Aos 7 anos, mudei-me para a

cidade e descobri novas formas de arte. Foi quando conheci o nanquim, usado com caneta de pena. Mas esses materiais eram caros e raros. Então, substituí a pena por uma vareta de bambu e comecei a criar desenhos detalhados, mergulhando o bambu na tinta e traçando linhas repetidas vezes.

Júlio Olivar e eu compartilhamos uma época analógica, cheia de descobertas e invenções. Quando ele me convidou para ilustrar seu livro, aceitei imediatamente. Quis criar as ilustrações como fazia na infância, homenageando não apenas a nossa infância, mas também a de todos que valorizam as lembranças felizes.



Pablo Mack

